

FEPEAPÁ | PRIMEIRA REUNIÃO DE PAUTA

ESTANISLAW E FERNANDO

O peixe, a PECA e o desaparecimento da classe ME DIA

Hélio Abreu Filho
Colaboração editorial: DOTI
25 de novembro de 2026 · Versão de leitura

Sabe, Joca, enjoei de procurar papel de jornal pra embrulhar peixe. Num encontro nunca... Será que tenho que fazer assinatura pra alguém batê na minha porta?

— O pobrema num é ele batê. É vir cheio de boletos e propaganda do BB e da CX. Dizem aí que as ações andam pelo chão.

— E você vai embrulhar pexe com papel que anda pelo chão?

— Pois num é mentira mesmo, né? Tanto é verdade que criaram uma tal de PECA que dizem que vai trazer muito dinheiro pro governo dividir com os coroné, em vista dos pobre.

— Ahhh! Agora vão mexer na vista dos pobre? Pois nem mexeram na dor das perna e já tão querendo a vista?

— É, cumpadre... Tem político matreiro que ainda num saiu do mato. Tá lá, oh, que nem pinguço, só esperando o que sobre das migalha dos paisão dos pobres.

— Mas tem jornalista na raia. Tem até corrida de cachorro, pois cavalo tá caro demais pra ração.

SABUJO, que andava pelos arredores, apurou os ouvidos. Ah, por isso estavam tratando-o tão bem! Tinha coisa aí. Melhor correr pro Tanislau. Esperava que ele não estivesse metido naquilo. Ia sobrar, ia sobrar...

Ao entrar correndo na redação da FEPEAPÁ, ouviu a voz de FERNANDO:

— Vou apresentar uma interpretação desse dinheiro da PECA. Tem coisa aí mexendo com as corridas de cavalo. Os apostadores já estão me aporrinhando porque não me viram mais tomando vinho no hipódromo. Querem saber se também vou falar mal dos cachorrinhos em desengorda.

SABUJO deu em freio. Ahnnn... Melhor fugir dali.

O Vespeiro estava feito na redação. Do Iapoque ao Piauí, tudo quanto era redação, na imaginação de SABUJO, estava de olho nos cachorros das praças: se tinham água, comida requentada, hora de descanso, atividades...

Enquanto isto, ESTANISLAW, ouvindo falar numa arrecadação federal de R$ 294 bilhões, rebuscou os alfarrábios de FERNANDO.

— Fernando, esses 294 bilhões foram arrecadados num mês só?

— É o que informa a notícia. Descontada a inflação, o crescimento real teria sido de 7,28%.

— Real pra quem?

— Ora, Estanislaw, estamos falando de economia!

— Ainda bem. Pensei que estivéssemos falando de dinheiro.

SABUJO saiu sorrateiramente em direção à cozinha, para conferir se o crescimento real havia alcançado sua vasilha. Voltou desconsolado. Nem crescimento, nem perspectiva de crescimento. Havia, entretanto, uma mosca fazendo investimentos no pouco que restara.

— O problema, meu caro, é que temos despesas obrigatórias, despesas discricionárias, compromissos futuros...

— Conheço. Lá em casa, as despesas são todas obrigatórias. Discricionária mesmo é a entrada de dinheiro.

Nisso chegou JOCA, trazendo o peixe embrulhado numa folha de propaganda bancária.

— Seo Tanislau, o sinhô que entende dessas coisas, veja aqui. Tão me oferecendo crédito pra comprá o que eu num posso, com dinheiro que eu num tenho, pra pagá depois com dinheiro que ainda vou ganhá.

— É a democratização do acesso ao crédito, Joca — explicou FERNANDO.

— Ahhh... Pois lá em casa já democratizaram tanto que até minha muié tem direito de dever.

ESTANISLAW pediu ao encarregado do arquivo da FEPEAPÁ que procurasse notícias antigas sobre ajustes fiscais, arrecadação e recuperação do poder aquisitivo.

— De que governo, doutor?

— Tanto faz. Procure pelas promessas. Depois a gente confere os governos.

SABUJO voltou do pátio, com uma das patas dianteiras levantada e a expressão de quem acabara de descobrir a origem de tamanho desarranjo econômico. FERNANDO inclinou-se para examinar a evidência.

— Meu Deus! Onde foi que esse cachorro pisou?

— Não sei — respondeu ESTANISLAW, afastando os papéis. — Mas, pela quantidade que está trazendo pra dentro da redação, deve ter havido crescimento real.

JOCA resolveu perguntar sobre o que ouvira:

— Se arrecadaram tudo isso e ainda precisam daquela PECA, num era melhor descobrí primeiro onde é que tão gastando?

FERNANDO procurou os óculos. ESTANISLAW procurou um cigarro que havia deixado de fumar há trinta anos. O encarregado do arquivo procurou uma desculpa pra sair. SABUJO procurou o tapete.

— Joca, você ainda conhece aquele pessoal do hipódromo?

— Conheço. Mas aquilo tá mudado. Tem sujeito que já nem pergunta mais qual é o cavalo. Quer saber quem é o dono.

— E as apostas?

— Ah, essas continuam. Só mudou uma coisinha... Antigamente, quem apostava errado perdia o próprio dinheiro.

ESTANISLAW olhou para FERNANDO. FERNANDO olhou para SABUJO. E SABUJO tratou de esconder a pata.

— E tem gente ganhando na Sena todo dia... — continuou JOCA.

— Todo dia? Mas num é uma vez por semana? — perguntou alguém do balcão.

— É. Mas, se fosse todo dia, era o mesmo que ganhava.

— Uhn?!

— Isso, Joca, contraria as leis da probabilidade — observou FERNANDO.

— Pois é, doutor. Num sei que lei é essa, mas deve ter sido das primeira que revogaram.

— Joca, você costuma apostar? — perguntou ESTANISLAW.

— Deus me livre! Já contribuo com a sorte dos outros desde que comecei a trabalhá.

SABUJO saiu para enterrar seu único osso. Não por economia. Por desconfiança.

⁂

— Olha, seu Lalaw...

— Lalaw, não, JOCA! Escreva: ESTANIS... LAW. Entendeu?

— Olha, seu Esteves, eu já vou, mas o senhor num pagou o pexe que eu trouxe, nem me disse onde encontrá mais papel de jornal. Pelo que tô vendo, vocês vende tudo de vez, num sobra nada. Agora só tem papel de banco, e é SÓ pra emprestá! Tem que devorvê! Quanto ao pexe, num sei se vou poder levá de vorta, pois o senhor mandou botá na cozinha e lá tem um gato preto que me olhava atravessado...

— JOICE! DEIXA O PEIXE!

ESTANISLAW saiu correndo em direção à cozinha, seguido de FERNANDO, que segurava cuidadosamente a garrafa de vinho branco comprada para o jantar com o amigo. SABUJO tomou a dianteira. Chegaram tarde.

FERNANDO examinou o que restara do peixe.

— Estanislaw, temos aqui um problema de distribuição de recursos.

— Temos nada, Fernando. Temos um problema de jantar.

— E eu, um de recebimento — disse JOCA, da porta.

ESTANISLAW abriu a carteira. Tinha recursos suficientes para pagar o peixe, mas não para comprar outro.

— Podemos abrir um crédito suplementar — sugeriu FERNANDO.

— Ahhh! Então é aqui que começa aquela PECA?

JOCA ajeitou o chapéu.

— Eu num vou trazê mais pexe. O senhor contando troco, o papel de jornal sumido e nada de me explicá onde consigo mais. Num vou ficá pegando e devendo paper pra banco, não. Ainda mais que é do Brasil e daquela tal Caixa das Surpresas do Povo que vive em Aluguel.

— Joca, você precisa compreender a função social do crédito.

— Compreendo, doutor. Eu emprestei o pexe, a gata comeu, o Lalaw tá contando os trocado e o sinhô tá segurando o vinho. Só num compreendi ainda a minha função social nisso tudo.

ESTANISLAW finalmente pagou o peixe.

— Quanto ao papel de jornal, Joca, estamos vivendo uma transição para a era digital.

— Ahhh... E como é que embruio o pexe nessa era?

— Não embrulha.

— Então essa era num serve pra pescador.

JOICE, deitada sobre o balcão, cuspia o duro papel do banco. Preferia o peixe desembrulhado.

— Amanhã vou pescá mais cedo. Dizem que o governo tá procurando novas fontes de receita. Vai que resolvem botá relógio na boca do peixe pra cobrá pelo tempo que ele fica esperando debaixo d'água...

— Estanislaw, será que ele anda lendo os projetos de reforma tributária? — perguntou FERNANDO.

— Pior, Fernando. Anda vivendo.

Na redação, naquela disputa por informações, as quais vinham de todos os lados, tudo envolvia dinheiro. Dinheiro para distribuir, dinheiro para investir, dinheiro dos pobres para sumir, dinheiro dos ricos para a Bolsa, dinheiro...

Já na saída, JOCA olhou pra trás ao ouvir o locutor da Rádio Nativa anunciando investimentos em Bolsa. Cuspiu de lado e por pouco não acertou SABUJO.

— Agora rico tá investindo em bolsa? Mas é proibido fazê de jacaré, de cobra, de foca, de... Que merda de bolsa é essa? Acho que vou vê se ganho uma pra levá pexe. Num dá mais pra andá com esse carrinho de mão gelado pelas rua...

— Joca, essa Bolsa é de valores! — explicou FERNANDO.

— Ahhh... Então num vão me dá de graça?

— Não. Nessa Bolsa você aplica dinheiro esperando obter rendimentos.

— Ué! E o pexe que eu trouxe pra vocês? Apliquei de manhã, recebi de tarde e ainda perdi o embruio. Num é a mesma coisa?

— Fernando, não complique! — gritou ESTANISLAW, lá de dentro. — Explique a ele que na Bolsa há quem ganhe e quem perca.

— Ahhh, seu Esteves! Então já sei de que lado vão me botá!

— Fernando, explica uma coisa pro JOCA. Como é mesmo aquela história de reduzir despesas públicas?

— É preciso equilibrar receitas e despesas, Estanis.

JOCA, que já ajeitava o carrinho de mão para sair, resolveu perguntar:

— E nessa contabilidade aí, doutor, onde é que entra o dinheiro assaltado?

— Como assim, Joca?

— Ué! Se tão levando dinheiro do caixa, num era melhor diminuí primeiro o que tão levando, antes de diminuí o que tão dando?

FERNANDO ajeitou os óculos.

— A questão é um pouco mais complexa...

— E quando o sujeito confessa que levou? Num era melhor fazê ele devorvê antes de pedí mais dinheiro pra gente?

ESTANISLAW olhou para FERNANDO.

FERNANDO olhou para os alfarrábios.

SABUJO olhou para a carteira de ESTANISLAW.

— Bem, doutores, vou indo. Se eu ficá mais um pouco, capaz de vocês incluírem meu carrinho nas despesas públicas.

E lá se foi JOCA, empurrando seu carrinho de mão. SABUJO correu ao pátio para desenterrar o osso que havia aplicado naquela manhã.

⁂

FERNANDO, que havia reservado uma informação para confidenciar ao amigo durante o almoço da janta, pois já haviam passado pelas doze horas in albis, resolveu dar-se ao desfrute de antecipá-la ali mesmo.

— Sabe, Law...

— Ehhh, você também?! É ESTANIS... LAW!

— Sim, Estanis. O assunto é o seguinte: já tem redução da projeção oficial do crescimento da economia...

ESTANISLAW arregalou os olhos.

— Quê?! Já estão arrumando os números? Então estão procurando culpados! Ahhh... Vou investigar já, já!

— Não adianta mais.

— Como não?!

— É que a turma que foi almoçar já sabe. Então, o povo também já sabe.

— O quê?! Eles daqui não são melhores investigadores do que eu! Ponha isto na sua cachola intelectiva, oh, meu!

— Não é isso, Estanislaw. É que foram comer tomate...

— Ele sumiu?

— Pois é...

— O quê?! Já sumiu a classe ME DIA, já sumiu o papel de jornal, já sumiu o meu peixe e agora o tomate?! Não vou abrir mais nenhuma investigação pra você depois ficar dançando com ela por aí! Trabalho para o PIAU de freelancer, mas não pra ti!

— Oh, Estanis, nós somos amigos... Tão amigos que vou te contar. Ele, o tomate, não sumiu. Dizem que a turma pra lá de Blangadesch já compra direto na planta e exporta tudo. Parece que agora é ponta a ponta.

— Ponta a ponta?

— É. Do produtor ao consumidor.

— E nós, Fernando, ficamos em que ponta?

Nesse instante, SABUJO apareceu trazendo um pé de tomate arrancado do quintal da redação, com raízes, terra e tudo mais.

— Mas não tem tomate! — constatou FERNANDO.

— Pelo menos esse aí conseguiu trazer o produtor.

ESTANISLAW ficou pensativo.

— Ora, Fernando, lembra do Delfim Netto? Na minha lembrança, já se botava a culpa da inflação no tomate. E agora você acha que não vão pelo mesmo caminho, meu amigo?

Levantou-se subitamente.

— Quem? Quem? Quem está copiando o passado? Procurem tudo o que temos sobre inflação e tomate nos últimos sessenta anos!

— Só tomate? — perguntou o arquivista.

— Por enquanto. Não quero envolver a cebola sem ouvi-la primeiro.

— É preciso considerar a sazonalidade, as condições climáticas, a demanda internacional... — ponderou FERNANDO.

— Ora, Fernando! O tomate tem safra. A desculpa dá o ano inteiro!

SABUJO começou a escarafunchar a terra que trouxera para perto do arquivo.

— Deixa cavar, Fernando. Quem sabe encontra a raiz da inflação.

⁂

— Olha, Fernando, tudo isso que você fala, eu investigo, a PIAUÍ informa, a FEPEAPÁ maldiz o momento... Mas nada se compara ao que vem me consumindo nos últimos dias.

ESTANISLAW recolheu alguns papéis sobre a mesa.

— Tenho aqui notícias sobre o BRB e questionamentos a relatórios da Polícia Federal. E você, Fernando, ainda põe lenha nessa fogueira!

— Pois então, nada! Eu não preciso de alegações. Preciso de documentos, de fontes, de alguém que me explique por que certas informações valem uma fortuna e outras não valem sequer o papel em que foram escritas.

— E aquela história de um milhão para saber o que acontece numa sala preta? Será que a inteligência lá dentro é natural ou artificial?

— Mas você tem alguma evidência?

— Ainda não. É justamente por isso que preciso investigar!

— Você está desconfiando de muita coisa, Estanis.

— Fernando, meu amigo, desconfiança é matéria-prima. Documento é matéria de publicação. Não confunda o almoxarifado com a redação.

O estagiário esticou o olhão. Ihhh... sobrou pra mim, quer ver?

— No frigir dos ovos, Fernando — prosseguiu ESTANISLAW, sem perceber que era ouvido pelo estagiário do arquivo morto, Dorvalino Homero Timóteo Ipsusliteros, o DOTI —, tem coisas que desaparecem e outras que atravessam governos e mandatos. Mas o tomate fica!

— Como assim?

— A ponte na floresta que liga o nada a coisa nenhuma; o bode na vala do São Francisco; a água que tiram do solo e vendem ao nordestino; os coronéis de antigamente e os de agora; os limites remuneratórios e os benefícios que desconhecem limites... Tudo isso dá pauta, Fernando!

DOTI, lá do arquivo morto, interrompeu:

— Chefia, encontrei três pastas sobre esses assuntos.

— De quando?

— Uma do avô, outra do pai e a terceira do Júnior.

— E qual delas está encerrada?

— A do avô. Mas só porque ele morreu.

FERNANDO aproximou-se dos arquivos.

— Se você bobear, começa um artigo com o sobrenome de um coronel e termina com o mesmo sobrenome, acrescido de Júnior. E não será erro de revisão, não!

— Pois é, Fernando! E o meu ganha-pão como fica, se só recebo por produtividade?

— Chefia, o senhor poderia republicar as matérias antigas, atualizando os nomes — sugeriu DOTI.

— Fernando, veja só! Jornalista de bordel... Desculpe, meu filho, chama isso de jornalismo?

— Não sei, chefia. Mas, pelo que estou lendo aqui, chamaram de desenvolvimento.

ESTANISLAW olhou para FERNANDO.

— Até nosso estagiário acaba sendo mais rápido que nós! Uma fofoca dele no cafezinho desmonta anos de investigação. E aquela professora doutora, professora dama, que anda pelos bastidores da política, tu sabes...

— Ah, se esse rapaz pudesse me ajudar! Mas agora querem jornalista com papel timbrado de Universidade.

— Estanis, você está questionando a formação universitária?

— Não, Fernando. Estou procurando saber em que semestre ensinam a encontrar aquilo que não está na apostila.

— Chefia, encontrei uma entrevista antiga daquela professora doutora dama — disse DOTI.

— E daí?

— Ela desmente tudo o que declarou ontem.

— Excelente! Traga-me a entrevista de ontem!

— Essa ainda não encontrei. Mas achei a de anteontem, em que ela desmente a de hoje.

FERNANDO tirou os óculos.

— Esse rapaz precisa estudar metodologia.

— Precisa nada, Fernando. Precisa aprender a cobrar por produtividade!

⁂

Foi aí que FERNANDO resolveu dar umas dicas para que ESTANISLAW ficasse mais atinado, repassando informações colhidas no BAR TIDOR EX, as quais ajudariam a explicar o funcionamento e desaparecimento daquele tal governo das classes.

Imediatamente, ESTANISLAW, cujos olhos andavam um pouco distantes, despertou. Será que ele já sabia onde estava a classe ME DIA?

Mas não. Lá veio FERNANDO com aquela tal equação de equilibrar receitas e despesas, apregoada pelo governo, e com a discussão sobre as responsabilidades daquele boca-aberta do BANCO CENTRAL.

— Fernando, você tem a evolução histórica desses ajustes? Quem sabe não estão aí os motivos dos desaparecimentos que tanto procuro?

Nisto, entrou o garçom da padaria da esquina, apresentando a conta do almoço não comido. Os dois haviam encomendado a refeição mais cedo e, entretidos com o noticiário, nem tocaram nela.

ESTANISLAW examinou a nota.

— Fernando, eis aqui uma oportunidade de aplicarmos essa tua equação. Temos a despesa, mas não tivemos o almoço.

— Isso é um desequilíbrio, Estanis.

— Sei. Mas explique isso ao garçom sem envolver o Banco Central.

O garçom, que não estava interessado em política monetária, permaneceu aguardando o PIX e a gorjeta.

Lá na cozinha, SABUJO, depois de examinar atentamente as moscas que sobrevoavam o 'prato feito', descobriu que era o único feliz integrante daquela redação que dispunha de um prato, uma poça d'água debaixo da pia e uma latrina na qual JOICE, vez por outra, escarafunchava e saía literalmente de pata cagada.

Feitas as contas, SABUJO dispunha de alimentação, abastecimento de água e saneamento compartilhado. Não sabia que era tão próspero.

— Chefia, incluo SABUJO nas estatísticas da classe ME DIA? — perguntou DOTI.

— Não! Pelo amor de Deus, não! Deixa pelo menos esse cachorro viver sossegado!

O vai e vem da conversa só parou porque o estagiário perguntou:

— E o vinho ali na mesa... também é pros informantes?

FERNANDO segurou a garrafa. ESTANISLAW procurou os copos. DOTI, por precaução, não perguntou quem pagaria a conta.

Quanto a JOCA, continuava procurando papel de jornal.

Nota editorial — para revisão do autor

Crônica satírica ficcional de autoria de Hélio Abreu Filho, com colaboração editorial de DOTI. ESTANISLAW, FERNANDO, JOCA, SABUJO, JOICE, o estagiário DOTI e a redação FEPEAPÁ integram um universo literário próprio. A obra não é de Sérgio Porto nem pretende atribuir a pessoas reais as falas imaginadas.

Nesta revisão foram condensadas as pautas intermediárias, incorporada a questão da recuperação de recursos públicos desviados e uniformizado o nome da gata como JOICE, em continuidade com a segunda crônica. Mantiveram-se PECA, BAR TIDOR EX, cafezinho e Blangadesch.

Antes de divulgação pública, conferir nas fontes originais os números de arrecadação, projeções econômicas, conteúdo da PEC, cobertura do BRB e relatórios da PF, e a lembrança histórica sobre Delfim Netto e o tomate. A sala preta, a exportação de tomates para Blangadesch e as alusões à loteria e ao hipódromo são construções ficcionais, não constatações de irregularidades. A discussão sobre desvios e recuperação de recursos públicos é hipotética e não atribui crimes a pessoas determinadas. Esta versão é para leitura autoral, não reportagem apurada.

www.helioabreufilho.com.br